

MAIS LIBERDADE, MAIS SOCIEDADE

No manifesto **A PESSOA, NO CENTRO DA POLÍTICA** dissemos que «a energia de construção de um País e a qualidade da nossa convivência estão ligadas à realização pessoal, que por sua vez, depende da resposta a questões essenciais da vida». Seis meses depois, arriscamos ajuizar o momento que o nosso país está a viver, indicando algumas hipóteses de trabalho, como contributo para o diálogo que pode construir uma sociedade mais justa.

1) «Por favor, não olheis da varanda da vida, mas comprometei-vos, imergi-vos no amplo diálogo social e político» (Papa Francisco).

Olhar da varanda: não será talvez esta a atitude de tantas pessoas quando se fala dos temas que afectam da vida em sociedade? Sobrecarregados com os problemas e as dificuldades que às vezes parecem insuperáveis, podemos viver um cansaço da liberdade e da responsabilidade, que se traduz numa falta de estima e numa desconfiança pelas questões que afectam o nosso país.

Esta posição alarga-se a todos os âmbitos da vida e a sua causa é uma **crise da pessoa**, que se manifesta como um aborrecimento invencível, uma letargia misteriosa.

Há esperança de sairmos desta situação bloqueada, que nos deixa insatisfeitos e

desiludidos? Bastaria talvez darmos um mínimo de atenção a nós próprios para reconhecermos que **em cada um continua a existir o desejo de um bem**: é uma «exigência de relações exatas, justas, entre pessoas e grupos, a exigência natural humana que a convivência ajude a afirmação da pessoa, que as relações “sociais” não sejam um obstáculo para a personalidade no seu crescimento» (Luigi Giussani).

É este desejo, como bandeira da liberdade humana, que fundamenta o espírito de uma verdadeira democracia: a afirmação e o respeito pelo homem na totalidade das suas exigências de verdade, beleza, justiça, bondade e felicidade. A democracia não é apenas o direito a votar; é, mais do que isso, o direito de construir realidades sociais de acordo com um ideal partilhado. **Todo o jogo da vida social deveria ter como objetivo supremo manter vivo e alimentar o desejo do qual nascem os valores e iniciativas que juntam os homens.**

2) As realidades intermédias que constituem a sociedade humana são expressão da criatividade dos seus protagonistas. Nascem, muitas vezes, como tentativas de resposta às *questões essenciais da vida*: *o quê ou quem preenche o meu desejo? Quem me ama incondicionalmente? Trabalho para quê? Que sentido têm a doença e a morte? Em resumo, por que é que vale a*

pena viver? Do ímpeto de respostas pessoais e comunitárias, surgiram em Portugal **centenas de realidades de apoio aos mais frágeis e carenciados** (sobretudo na educação e na solidariedade). É nessa realidade social - que não foi originada pelo Estado - que assentam boa parte das nossas possibilidades de crescimento e criação de riqueza. Por isso, afirmamos que **para um país mais justo e desenvolvido, é preciso apoiar e fomentar a criação de realidades intermédias onde as pessoas possam livremente criar e construir**. É preciso «Mais sociedade, menos Estado».

3) Neste contexto, é decisivo apostar na educação. Educar para construir Portugal. Não devemos ter medo das propostas de significado que existem e que querem sair ao encontro das nossas perguntas. Esta liberdade está hoje, de facto, ameaçada em muitos lugares da nossa geografia. Não é o Estado quem educa, nem deve impor uma determinada visão da realidade através do partido que governa.

Como explica D. Nuno Brás num recente artigo: «Tudo tem início num pressuposto errado: que só o Estado (e o governo que nele manda) tem o monopólio do que é público. Ora isso não é verdade. Existem muitas entidades e serviços que o Estado proporciona e que não são para todos. Ao contrário, existem muitas outras realidades

que sendo propriedade de uma entidade que não o Estado são acessíveis a todos».

O Estado tem o dever de garantir o acesso à educação: assegurando a todos uma escola pública (particular ou estatal) de qualidade, seja gerindo com exigência a sua própria rede, seja apoiando as iniciativas sociais que mostraram e mostram uma real capacidade de educar e integrar na convivência e na construção da sociedade.

O Papa Francisco, na entrega do Prémio Carlos Magno (2016), referindo-se à Europa, recorda-nos a missão da Igreja e, por isso, a missão dos cristãos: «**Para o renascimento duma Europa cansada mas ainda rica de energias e potencialidades, pode e deve contribuir a Igreja**».

A sua tarefa coincide com a sua missão: o anúncio do Evangelho, que hoje, mais do que nunca, se traduz sobretudo em sair ao encontro das feridas do homem, levando a presença forte e simples de Jesus, a sua misericórdia consoladora e encorajante. Deus quer habitar entre os homens, mas só o pode fazer através de homens e mulheres que, como os grandes evangelizadores do Continente, sejam tocados por Ele e vivam o Evangelho sem outras ambições.

Só uma Igreja rica de testemunhas poderá de novo dar a água pura do Evangelho às raízes da Europa».

Junho 2016